

**DANTE ALIGHIERI E A LINGUÍSTICA:
UMA VIAGEM PELAS LÍNGUAS E FALARES
DO OCIDENTE MEDIEVAL**

Henrique Martins de Morais (UFMG)
alaenocis@yahoo.com.br

RESUMO

Neste texto eu pretendo apresentar uma breve introdução ao livro conhecido como *De Vulgari Eloquentia*, escrito por Dante Alighieri. Primeiro há um curto panorama histórico sobre os tempos conturbados nos quais estava Dante quando ele decidiu escrever o livro, com as suas disputas com o Papa e outras forças políticas na Itália. Então eu começo a analisar o texto em si e a comparar as ideias de Dante sobre a linguagem com a visão que se tem hoje em dia sobre isso. Dante parece ter consciência da existência da *faculdade da linguagem*, assim eu comparo as suas ideias com as de Chomsky. Ele também parece saber da propriedade física e intelectual das palavras, portanto eu o coloco lado a lado com Saussure. No livro há ainda uma tipologia das línguas da Europa e eu então analiso a sua classificação. Finalmente ele faz uma série de observações interessantes sobre as línguas e dialetos da Itália que apresento.

Palavras-chave: Dante Alighieri. Linguística. Idade Média

1. Introdução

No início do século XIII, exilado de sua terra natal, Dante Alighieri começou a escrever um livro no qual iria expor suas opiniões sobre a capacidade humana de comunicação, as origens das várias línguas da Europa e a sua busca incessante pelo vernáculo ilustre, a língua na qual deveria ser escrita a mais alta prosa e poesia. Este livro é o *De Vulgari Eloquentia*. No presente texto eu pretendo expor as opiniões de Dante sobre determinados fatos linguísticos e confrontá-las com a linguística moderna, tentando estabelecer onde Dante foi correto e preciso em suas definições e que tipo de equívocos cometeu com suas generalizações. Trata-se de recuperar o sentido do *De Vulgari Eloquentia* como um tratado sobre as línguas e falares do ocidente e não trata-lo como um livro acessório à *Divina Comédia*, sua grande obra, como é o tratamento dado em geral a todas as obras menores deste autor.

2. Contextualização: O Exílio

No início do século XIII havia três formas de poder político no território da atual Itália: as cidades república, como Florença; o principa-

do francês estabelecido na Sicília; e o Papa de Roma. Este Papa era Bonifácio VIII e ele tinha intenções de se estabelecer como um governante temporal de todo o território italiano. Com essa pretensão em mente ele exige que a cidade de Florença lhe forneça um exército de cem homens para a sua guarda pessoal. O parlamento florentino discute a questão e Dante Alighieri, que era um político influente na época, opõe-se ferozmente às pretensões temporais do Papa. Tendo seu pedido negado, Bonifácio vai até o principado francês da Sicília e clama que o seu governante, Charles de Valois, irmão de Felipe, o Belo, rei da França, intervenha em seu favor.

Valois atende as exigências papais e entra na cidade de Florença com um exército de oitocentos cavaleiros. Aproveitando a presença do príncipe francês, as facções descontentes com o governo florentino iniciam uma série de tumultos e conflitos que se estendem por cinco dias, provocando caos e assassinatos. Ao fim dos cinco dias, Valois consegue controlar a situação e um novo *podestà* é eleito. Esse novo *podestà* entrega uma “lista negra” contendo cinco nomes para serem julgados pelos tribunais. Entre esses nomes estava o de Dante Alighieri (Cf. GILLET, 1941, p. 58). Ele deveria comparecer aos tribunais; porém, temendo por sua vida, ele se recusa. A situação se agrava e a sentença, promulgada contra ele e outras quatorze pessoas, é a seguinte: “Toda pessoa designada na lista aqui exposta, que vier a ser capturada no território da República, será queimada na fogueira até a morte.”¹ Dante ouviu essa sentença quando estava em Roma. Incapaz de retornar à sua terra natal por risco de morrer, ele leva uma vida errante, vivendo em várias cidades da Itália. De Roma ele vai até Siena, depois a Romagna, Verona, para então se exilar na França.

3. *O conteúdo do livro*

É neste contexto de exílio que o livro começou a ser redigido, sendo, portanto, anterior à *Comédia*, do ano 1304. Inicialmente, Dante teria planejado escrever quatro livros, mas parou de redigir no meio do segundo, por razões obscuras (Cf. ALIGHIERI, 2011, p. XIII). Especula-se que ele interrompeu a redação do livro porque teria mudado de ideia, já que vários pensamentos expostos neste livro se encontram em desacordo

¹ No original: “Toute personne désignée dans la liste ci-dessus, venant à être arrêté sur le territoire de la République, sera brûlée à petit feu jusqu’à ce que mort s’ensuive. (GILLET, 1941, p. 59).

com obras posteriores, como a própria *Comédia* (ALIGHIERI, 2011, p. VII). A obra se enquadra nas chamadas *opere minori* (obras menores), que são trabalhos pequenos e inconclusos do autor que foram descobertos posteriormente.

No primeiro livro, Dante expõe as suas opiniões sobre como as crianças adquirem a sua língua materna, ele explica porque cabe somente ao homem a capacidade de se comunicar pela linguagem, também traça um paralelo e tipificações em relação às línguas da Europa, dando especial atenção aos dialetos da Itália. No segundo livro ele trata do que ele chama de vernáculo ilustre e de como a língua deve ser ornada para receber a mais nobre poesia. É importante salientar que a tese central de ambos os livros é de que a escrita nas línguas vernáculas, como o italiano, é superior ao latim, tida na época como a língua de cultura e saber. Ironicamente Dante escreve este tratado em latim, talvez como uma forma de demonstrar que, embora considere o vernáculo superior ao latim, ele não desconhecia nem desobedecia as regras e convenções da época, que diziam que tratados e outros gêneros literários deveriam ser escritos em latim.

4. O Aprendizado da língua materna e a gramática

Dante concebe a existência de duas línguas, uma aprendida pela criança na infância, pelo contato com a sua ama e outra ele chamam de gramática e atribui aos romanos. Da primeira fazem uso todos os homens e mulheres.

dicimus, celeriter actendentes, quod vulgarem locutionem appellamus eam qua infantes assuefiunt ab assistentibus cum primitus distinguere voces incipiunt; vel, quod brevius dici potest, vulgarem locutionem asserimos quam sine omni regola nutricem imitantes accipimus

nos apressamos em dizer que por “vernáculo” entendemos aquela língua à qual as crianças são acostumadas pelos que as rodeiam tão logo começam a articular distintamente as palavras. Ou, mais brevemente, definimos “vernáculo” como aquela língua que, sem o estudo de regras, aprendemos ao imitarmos nossas amas. (ALIGHIERI, 2011, Cap. I, § 2)

A gramática é uma segunda língua possuída (ou talvez criada) pelos romanos, pelos gregos e também por alguns outros povos, mas não todos. Ela é adquirida através de um estudo cuidadoso, que demanda várias horas de isolamento solitário diante dos livros, e não pelo contato humano, como o vernáculo. Ela é artificial, pois é demasiado lógica e perfeita, contrastando com as irregularidades e múltiplas manifestações

do vernáculo. A mais nobre das duas é o vernáculo, pois é natural, tem várias manifestações e pronúncias, e foi a primeira a ser usada pelo gênero humano, sendo parte da dádiva da linguagem dada por Deus aos homens e somente aos homens e a nenhum outro ser, nem aos anjos, nem aos animais, nem aos demônios. Alguns pássaros não falam, mas imitam a voz e as palavras humanas. Para os animais a fala é inútil.

Alguns autores, como Umberto Eco, veem nas reflexões de Dante expostas acima uma ideia muito moderna que foi desenvolvida pelo linguista Noam Chomsky nos anos 60, trata-se da *faculdade da linguagem*. Chomsky teria observado que vários animais de comportamento grupal, como golfinhos, elefantes e chimpanzés desenvolveram uma certa forma de comunicação, mas nenhum chegou ao nível de sofisticação da linguagem humana, isto é, uma linguagem que seja capaz de expor desejos e possibilidades, de falar de coisas que não são imediatas e que não estão presentes no contexto de emissão da mensagem. Chomsky vai até a biologia evolutiva e cogita a possibilidade de que a linguagem humana seja na verdade um traço genético, parte do DNA e impresso de forma biológica no sistema nervoso humano. “Há um componente da mente humana/cérebro dedicado à linguagem – a faculdade da linguagem – interagindo com outros sistemas²” (CHOMSKY, 1995, p. 2).

Segundo Eco, Dante teria uma clara noção dessa faculdade da linguagem, sendo uma capacidade natural desenvolvida em cada ser humano quando este aprende a sua língua materna. Essa faculdade, como aponta Dante em seus escritos, é possuída por todos os povos, apesar da sua diversidade cultural e linguística, ela sempre se manifesta. Ele também é sagaz de perceber que isso não se manifesta em uma língua específica, mas é uma disposição geral do homem. (Cf. ECO, 2002, p. 22) Dante, no caso atribui isso a uma graça divina.

O primeiro homem, Adão, falou pela primeira vez respondendo a Deus. Assim, a primeira palavra proferida foi “El”, que significa “Deus” em hebraico.

Quid autem prius vox primi loquentis sonaverit, viro sane mentis in promptu esse non titubo ipsum fuisse quod ‘Deus’ est, scilicet El, vel per modum interrogationis vel per modum responsionis.

Quanto à primeira palavra pronunciada pela voz do primeiro falante, é es-

² No original: “There is a component of the human mind/brain dedicated to language – the language faculty – interacting with other systems.”

te um ponto no qual não hesitamos em afirmar algo evidente a qualquer mente lúcida: foi o equivalente de “Deus”, ou seja a palavra “El”, pronunciada em tom ou de pergunta, ou de resposta. (ALIGHIERI, 2011, Cap. IV, § 4).

Assim Dante supõe que a primeira língua falada pelo homem foi o hebraico, recuperando uma ideia frequente na época em que o hebraico foi a língua original e sobreviveu à *confusio linguarum* estabelecida pela queda da Torre de Babel. O homem respondeu a Deus, mas Deus não falava, pois expor os pensamentos através da voz é uma característica tipicamente humana. Deus não tem voz e, segundo o Salmo 148, 8, ele se expressa por meio de fenômenos naturais, como o fogo, o granizo, a neve (Cf. ECO, 2002, p. 23). Dante supõe que Deus agitou o ar de forma que ressoaram palavras autênticas. Mas o primeiro diálogo só viria a acontecer entre Eva e a serpente, estabelecendo assim o primeiro ato de linguagem.

5. O signo linguístico

Baseado na afirmação de que o homem se diferencia dos animais porque, ao contrário destes, ele é dotado de razão, Dante elabora uma ideia que vai ser um dos conceitos chave da linguística moderna e também da semiótica. Segundo ele, a comunicação humana dispõe de dois signos, um racional e o outro sensível.

Oportuit ergo genus humanum ad comunicandas inter se conceptiones suas aliquid rationale signum et sensuale habere: quia, cum de ratione accipere habeat et in rationem portare, rationale esse oportuit; cumque de una ratione in aliam nichil deferri possit nisi per medium sensuale, sensuale esse oportuit. Quare, si tantum rationale esset, pertransire non posset; si tantum sensuale, nec a ratione accipere nec in rationem deponere potuisset. Hoc equidem signum est ipsum subiectum nobile de quo loquimur: nam sensuale quid est in quantum sonus est; rationale vero in quantum aliquid significare videtur ad placitum.

Convinha, portanto, que para a comunicação mútua de seus pensamentos o gênero humano dispusesse de um signo ao mesmo tempo racional e sensível: racional, porque deve ser recebido e transmitido de uma razão a outra; sensível, porque nada pode ser transferido de uma razão a outra sem a mediação dos sentidos. É precisamente este signo o nobre objeto de que tratamos: com efeito, é algo sensível, enquanto som, e algo racional, enquanto resulta condutor de um significado que depende de nosso arbítrio. (ALIGHIERI, 2011, Cap. III, §. 2 e 3)

Estas mesmas ideias expressas acima foram reformuladas e constituem uma das partes mais importantes da teoria de Ferdinand de Saussure, considerado como o pai da linguística moderna. Em seu *Cours de*

Linguistique Générale, expõe de uma forma mais elaborada o que Dante formulou muitos séculos atrás.

Segundo Saussure, cada palavra da língua é um signo linguístico, formado por dois elementos, o significado e o significante. O significado é toda a gama de conceitos que gira em torno da palavra, todas as imagens mentais que cercam a palavra. E o significante, é a sua imagem acústica, ou seja, o seu som e pronúncia. (Cf. SAUSSURE, 1966, p. 98) Essa ligação entre significado e significante, conceito e som é um fato puramente arbitrário, não existe nenhuma ligação física ou lógica entre os sons que formam a palavra “casa” com o objeto que ela representa. Essa ligação se dá apenas dentro da língua portuguesa, que arbitrariamente elegeu essa sequência de sons para corresponder ao objeto a que ela se refere (Cf. SAUSSURE, 1966, p. 100).

Dante percebe a materialidade da palavra, considerando o seu elemento sonoro formador. Ele percebe também que esse elemento sonoro está ligado a um conceito mental, sendo a transmissão de pensamentos mediada pela fala. Outros seres, como os anjos não teriam a fala pois seriam diretamente conectados a uma inteligência superior que permite que cada um saiba o que se passa na mente do outro. Já os animais não necessitam de um sistema sofisticado como a fala humana pois são movidos pelo instinto e não dispõem de razão. (Cf. ALIGHIERI, 2011, Cap. III, §. 1)

6. Uma tipologia das línguas

Dante se propõe então a fazer uma tipologia das línguas da Europa, classificando-as e ordenando-as segundo certos critérios que ele mesmo desenvolve. Ele supõe que as línguas da Europa entejam divididas em três grupos, o grego, o teutônico e o românico. O critério para propor essas divisões seria a forma como cada um deles responde afirmativamente a uma pergunta, ou seja, a palavra “sim”.

Nam totum quod ab hostiis Danubii sive Meotidis paludibus usque ad fines occidentales Anglie Ytalorum Francorumque finibus et Oceano limitatur, solum unum obtinuit ydioma, licet postea per Sclavones, Ungaros, Teutonicos, Saxones, Anglicos et alias nationes quamplures fuerit per diversa vulgaria derivatum, hoc solo fere omnibus in signum eiusdem principio remanente, quod quasi predicti omnes jo affermando respondent.

Sobre todo o território que se estende da foz do Danúbio (ou dos pântanos da Meótide, como se queira), até os limites ocidentais da Inglaterra, cujos demais limites são tanto as fronteiras dos franceses e dos italianos quanto o Oce-

ano Atlântico, dominou uma única língua, mesmo tendo em seguida se ramificado nos diversos vernáculos relativos a eslavos, húngaros, teutões, saxões, ingleses e a um número de outras nações. À maioria destes vernáculos permanece, como vestígio da identidade inicial, que para responder afirmativamente quase todos estes povos dizem “jo” (ALIGHIERI, 2011, Cap. VIII, § 4)

Na verdade, talvez devido a esse critério pouco preciso ou ainda ao próprio desconhecimento das línguas desses grupos, Dante comete vários erros tipológicos, como de supor que as línguas germânicas e eslavas sejam próximas e ainda de achar que o húngaro é um idioma relacionado com os outros mencionados. De fato, se aplicado somente às línguas germânicas, esse critério têm alguma valia. Por exemplo, a palavra “sim” em inglês é *yes* [jes], e em alemão e sueco é *ja* [ja], portanto próximos do modelo jo que ele propõe. Já nas línguas eslavas a palavra *sim* é dita de várias maneiras, como *da* em russo, *tak* em ucraniano e polonês e *ano* em tcheco. Enfim, é um critério pouco preciso.

Dentro da atual tipologia das línguas indo-europeias na Europa, há três grandes grupos, o germânico, que compreende línguas como o inglês, o alemão e o sueco; o eslavo, com línguas como o russo, o ucraniano e o polonês; e o românico, com o português, o francês e o espanhol, dentre outras. O grego e o armênio, bem como romani, a língua dos ciganos também são da grande família do indo-europeu mas têm bem menos falante do que os três grandes grupos supra mencionados. (Cf. WALTER, 1996, p. 25 e p. 28)

Se as especulações de Dante sobre as línguas germânicas e eslavas se revelam nebulosas, quando ele fala do grupo românico ele o faz com propriedade e precisão, sendo a divisão que ele propõe das línguas da França em *langue d'oïl* e *langue d'oc* usada até hoje por linguistas e filólogos.

Totum vero quod in Europa restat ab istis, tertium tenuit ydioma, licet nunc tripharium videatur: nam alii oc, alii oil, alii si affirmando locuntur, ut puta Yspani, Franci et Latini. Signum autem quod ab uno eodemque ydiomate istarum trium gentium progrediantur vulgaria, in promptu est, quia multa per eadem vocabula nominare videntur, ut Deum, celum, amorem, mare, terram, est, vivit, moritur, amat, alia fere omnia.

A toda a parte restante da Europa coube a uma terceira língua, que hoje se revela tripartida: de fato, alguns para afirmar dizem “oc”, outros “oil” e outros ainda “si”, ou seja os Hispânicos, os Francos e os Latinos. E o indicio que os vernáculos destes três povos descendam de uma única e idêntica língua é manifestado pela identidade entre os vocábulos com que estes denominam muitas noções, como “Deus”, “céu”, “amor”, “mar”, “terra”, “è”, “vive”, “morre”, “ama” e quase todas as demais. (ALIGHIERI, 2011, Cap. VIII, § 6)

Com esta última fala, Dante recupera uma noção que havia sido esquecida desde a queda do Império Romano, que é a noção de *România*³. Ele percebe uma clara unidade linguística que compreende os territórios da França, Itália e Península Ibérica. Ele não sabe, como nós sabemos, que todas essas línguas derivam do latim vulgar, mas especula que elas tenham uma origem comum baseado no fato de que várias palavras para designar vocábulos como “amor”, “mar” e “terra” são muito parecidos em todas essas línguas.

7. As línguas da Itália

Dante passa então a classificar e opinar sobre as línguas e falares da Itália sempre com uma intenção valorativa, que é a de encontrar a língua mais ilustre desta região. Ele faz em trabalho que ele mesmo chama de “erradicação da erva daninha” em busca da língua que ele considera perfeita.

Sobre os romanos

Afirmamos que o vernáculo dos romanos nem mesmo é uma língua, mas sim um trísteloquio; é o mais torpe entre os vernáculos italianos, o que não é de surpreender visto possuírem os mais horríveis usos e costumes e mostram-se os mais fétidos entre os povos. (ALIGHIERI, 2011, Cap. IX, § 2)

Sobre os genoveses

A esta altura, alguém poderia pensar que quanto afirmado para os toscanos não possa ser repetido para os genoveses. Neste caso, bastaria ter presente o fato de que, se estes esquecessem a letra zê, teriam de renunciar completamente à fala ou então inventar-se uma língua nova: com efeito, a principal parte de seu falar é constituída pelo zê, letra que não pode ser pronunciada sem grande dureza⁴. (ALIGHIERI, 2011, Cap. XIII, § 5)

³ “se o Império sobreviveu como um ideal de ordem político durante todo a Idade Média, a unidade linguística e cultural dos territórios romanizados não impressionou menos os antigos, romanos ou bárbaro. Para denominar essa unidade linguística e cultural, emprega-se o termo *Romania*” (ILARI, 1999, p. 50).

⁴ A letra “z” nas línguas italianas tem um som diferente do português. Ela geralmente é pronunciada como /ts/ ou, raramente, /dz/.

Sobre os romanholos

Entrando portanto pela Romanha nesta parte da Itália, diremos que existem dois vernáculos que se contrapõem por algumas diferentes convergências linguísticas. Um destes tem tal languidez de vocábulos e de pronúncia que se revela efeminado a ponto de tomarmos um homem por mulher, mesmo quanto este o usa uma voz viril. Empregam este vernáculo todos os romanholos e principalmente os habitantes de Forlí, cidade que mesmo sendo periférica constitui o foco de toda a região. (ALIGHIERI, 2011, Cap. XIV, § 2 e 3)

Sobre os trevisanos

Citemos com estes também os trevisanos, que à maneira dos brescianos e de seus vizinhos talham as palavras por apócope, pronunciando a “u” consonantal como “f” (dizem, por exemplo, “nof” ao invés de “nove” e “vif” ao invés de “vivo”): costume que condenamos como um grave barbarismo. (ALIGHIERI, 2011, Cap. XIV, § 5)

8. O vernáculo ilustre

Após uma longa divagação, Dante finalmente revela o que ele que dizer com a busca do vernáculo ilustre. Ele compara essa busca à caça de uma pantera que vaga pelos bosques da Itália e cujo perfume pode ser sentido mas que não pode ser vista em lugar algum. Segundo ele, os mais nobres costumes são aqueles típicos dos italianos mas que não se prendem a uma cidade específica.

Itaque, adepti quod querebamus, dicimus illustre, cardinale, aulicum et curiale vulgare in Latio quod omnis latie civitatis est et nullius esse videtur, et quo municipalia vulgaria omnia Latinorum mensurantur et ponderantur et comparantur. (...) Hoc autem vulgare quod illustre, cardinale, aulicum et curiale ostensum est, dicimus esse illud quod vulgare latium appellatur.

Conseguimos alcançar, assim, o que buscávamos e declaramos que na Itália o vernáculo ilustre, cardeal, cortês e curial é aquele vernáculo que pertence a todas as cidades italianas, sem mostrar-se característico de alguma destas, e com base no qual todos os vernáculos municipais são medidos, pesados e comparados. (...) Afirmamos então como este vernáculo, que demonstramos ser ilustre, cardeal, cortês e curial, coincida com aquele que é chamado de vernáculo italiano.) (ALIGHIERI, 2011, Cap. XVI, § 6 e C. XIX § 1)

Portanto, para Dante, o vernáculo ideal é aquele que ele chama de italiano (illud quod vulgare latium appellatur). Ele propõe aí a criação de uma língua transdialetoal, que seja a soma de tudo que há de mais nobre e ilustre em cada língua individual. Essa ideia será retomada mais tarde na unificação da Itália e na construção da língua italiana que existe hoje. De

um modo geral, pode-se perceber que várias ideias expressas por Dante nesse parte do tratado forma reapropriadas posteriormente para a formação do país chamado Itália (Ytalia segundo Dante) e a tentativa de criar uma identidade, língua e cultura que ultrapassasse as barreiras regionais em nome de um ideal nacional.

9. Conclusão

Dante, em seu tratado *De Vulgari Eloquentia*, expressa muitas ideias e indagações que são hoje verdadeiro cânones da linguística e da filologia. Ele foi um dos primeiros a perceber a unidade linguística das regiões que falam línguas latinas e a sua classificação das línguas da França em *lingues d'oïl* e *lingues d'oc* ainda é válida e usada até hoje. Ele também antevê várias descobertas de Chomsky, como, por exemplo, a existência de uma capacidade inata do ser humano para aprender a língua materna, que Chomsky chama de faculdade da linguagem. Dante ainda percebe a característica dupla do signo linguístico, como som, coisa física, e como imagem mental; coisa que o linguista Saussure só sistematizaria no século 20. A ideia de um vernáculo ilustre e transdialetal, bem como a identificação de uma unidade linguística e cultural em uma região que ele chamou de Ytalia forma reaproveitadas mais tarde durante o processo de formação deste país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALIGHIERI, Dante. *De eloquentia vulgari*: Sobre a eloquência em vernáculo. Edição bilíngue. Introdução, tradução e notas, TRESOLDI, Tiago. Prefácio de Henrique S. Bordini. Porto Alegre: Tiago Tresoldi Editore, 2011

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge; London: MIT, c1995.

ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita: na cultura europeia*. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GILLET, Louis. *Dante*. Paris: Flammarion, c1941.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de; *Cours de linguistique générale*. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Charles Albert. (Orgs.). Paris: Payot, 1966.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas do Ocidente: a sua origem, a sua história, a sua geografia*. Lisboa: Terramar, 1996.